



Al Maghreb: do Mediterrâneo ao “Mar de Areia”

Marisa Midori Deaecto*
Professora da ECA – USP e EPHE-Paris

Não é somente o espaço que se presta às comparações úteis, mas também o tempo, ele mesmo, o tempo sempre aos reveses com as coisas. Pois o tempo não tem sempre esse valor ágil e fluido do qual falam os historiadores. Ele tem não raro um valor dormente. Há poucos lugares, além dos mediterrâneos, que nos dão esta impressão. Viajar através de seus espaços compartimentados, não é viajar sem fim através de seus passados, miraculosamente conservados em estado vivo, tanto pelos fragmentos, quanto pelos conjuntos?¹

Al Maghreb, ou Marrocos, foi assim batizada pelos árabes por ser a terra mais longínqua a Noroeste da África, ou porção ocidental africana, ilha que separa o deserto do mar [*Dijezirat al Maghreb*], onde o Sol se põe [*Maghreb al aksa*].² O país faz fronteira a Leste com a Argélia, ao Sul com a Mauritânia, sendo o Norte voltado para o Mediterrâneo e a costa Oeste para o Atlântico.

As suas dimensões são bem singelas (458.730km²).³ Se comparado com a imensidão do Brasil, não encontramos no Marrocos senão uma área mais ou menos comparável à do Estado da Bahia. Mas ele tem muito a nos revelar. A imagem é de um país fragmentado, pois tanto a natureza é diversificada – algo que se torna ainda mais evidente devido à pequenez do território – como as várias etnias que compõem a população puderam ou souberam manter, na longa duração histórica desses povos, a cultura dos seus ancestrais.⁴

O país pode ser dividido em quatro áreas morfogeográficas distintas: as áreas montanhosas, compreendidas pelas montanhas Rif [*Er Rif*], que cortam o norte seguindo paralelamente à costa mediterrânea; e a cadeia dos Atlas, que atravessa o país de sudeste a noroeste, portanto da costa atlântica em direção a *Er Rif*. Entre uma cadeia e outra, encontra-se a depressão de Taza, uma importante rota comercial até os nossos dias. A região da costa Atlântica, sem dúvida a mais habitada, concentra as indústrias e os principais portos do país, sendo o de Casablanca o de maior vulto. E o Sahara, ao Sul, compreendendo a área do Anti-Atlas, que se subdivide em duas zonas: a pré-sahariana e a sahariana, propriamente dita.

Os principais centros urbanos se localizam entre as Montanhas Rif, localizadas ao Norte, e a cadeia dos Atlas que, devido às diferenças de altitude, aparece subdividida em Médio e Alto-Atlas. Entre essas duas cadeias montanhosas, na depressão de Taza, forma-se um grande eixo de circulação entre as cidades de Ouyda, Taza, Fès, Meknès, Salé, Rabat, que demarcam a via norte-africana, unindo a Tunísia ao Atlântico.

Marrakech se localiza na borda do Alto-Atlas. Ali, aprende-se que é importante ir além das aparências. Uma vez apagada a *Dejema El Fna*, Praça Central onde se concentram os turistas e o *Club Méditerranée* erigido ao lado da medina, vemos apenas um punhado de ruas fétidas, artistas e palácios bastante desgastados por um turismo artificioso. Transpor os efeitos causados pela cidade cor-de-rosa implica em desvendar, não sem algum esforço, a série de edifícios populares e muito humildes que foram construídos nas ruas limítrofes desta tão celebrada cidade. Mais do que isso, é preciso transpor Marrakech e todo o “exotismo espetacular do mundo árabe”, conforme lemos em muitas revistas e guias, para, assim, encontrarmos toda a simplicidade e beleza da região pré-sahariana. É o que acontece quando atravessamos a estrada tortuosa que passa pelo Alto-Atlas, ao fim da qual o viajante tem a certeza de ter compensado todas as suas penas ao se deparar com os vales e oásis que se estendem por todo o Marrocos Setentrional.

Dos caminhos incertos do Sahara (diz-se sarrara, que significa, na língua árabe, deserto) atinge-se a região da Mauritânia, ao Sul e as montanhas da Argélia, a Leste. Rissani é o último centro urbano, se bem que talvez fosse melhor dizer aldeia, embora o lugar seja amiúde frequentado por turistas que iniciam sua aventura pelos “mares de areia”.

Tânger e *Er Rif*

De Tânger, diz-se que é uma cidade cosmopolita, celebrada por Tennessee Williams, Jean Genet, Paul Bowles, entre tantos outros artistas, além de ter servido como inspiração para algumas telas de Matisse. Ali encontramos um *Café Paris*, um Boulevard Pasteur, além de vários edifícios em estilo europeu, ou seja, *art-nouveau* somado a todas as nuances que o ecletismo lhe conferiu. Malgrado essas informações e alguns traços característicos da *Ville Nouvelle*, o que mais impressiona em Tânger são as centenas de guias que ocupam todo o Boulevard d'Espagne.⁵

Impressão primeira e igualmente marcante. Esse contingente de homens vestidos em suas *djellabas* (indumentária local) descobriram no turismo o seu ganha-pão. E as estatísticas não escondem uma dura realidade: o país conta hoje com uma população de 27,8 milhões de habitantes e a taxa de desemprego é de 19%.⁶ As mulheres têm ainda uma participação muito pequena no quadro da população economicamente ativa e, via de regra, é o trabalho informal que preenche parte da demanda de empregos em diversas regiões. Não nos esqueçamos, entretanto, que 46,6% da população ainda vivem no campo e, considerando os contrastes naturais e o domínio de acidentes geográficos por todo o país, sobretudo na região pré-sahariana, conclui-se que são consideráveis os obstáculos para a agricultura e a pecuária.⁷

O país possui apenas 19% de área própria para o cultivo. Ainda assim, a base de sua economia é o setor primário, compreendendo o plantio e a pesca, sendo que a última é toda voltada para o mercado exterior. As principais culturas são as de cereais, particularmente o trigo e a cevada (parte significativa da produção é exportada); de tubérculos, como a batata e a beterraba, esta, para a produção de açúcar; além de muitas frutas (principalmente tâmaras e uvas), legumes e o cultivo, ainda que muito restrito, de cana-de-açúcar. Também são exploradas minas de fosfato, carvão, ferro, prata e zinco, cujos produtos ocupam lugar de relevo no conjunto das exportações do país. Os principais países que mantêm relações comerciais com o Marrocos são a França, Espanha, Itália, Alemanha, Estados Unidos e, em certa medida, o Japão, especificamente no mercado de peixes.⁸ A indústria é restrita, na maior parte localizada na costa do Atlântico, sendo comuns as de capital estrangeiro.

* * *

As montanhas Rif desenham um arco que borda toda a costa mediterrânea. São relativamente pouco elevadas. Do *Djebel Tidighne* (2.450 m), na sua parte central, a altitude abaixa rapidamente, nas direções Leste e Oeste, chegando a 750 ou 800 m, ao pé das planícies de Moulouya e no estreito de Gibraltar.

Das áreas montanhosas, o Norte é a região mais intensamente povoada, sendo Tetouen⁹ o seu grande centro urbano. Convivem nesta região: europeus, árabes e os povos bérberes do norte, que falam o dialeto *tarifir* (isto é, o dialeto do Rif ou, literalmente, o dialeto da costa) [Margulies, 1976:12]. Na Rif ocidental e central, área mais úmida e muito fria, chegando a nevar no inverno, cultivam-se cereais, vinhas e oliveiras. São ainda comuns os rebanhos de ovelhas e carneiros, mesmo nas partes mais altas. Já a porção oriental, mais seca, é ocupada por pastores semi-nômades. Atividade comum na região e que ocupa os chamados trabalhadores temporários é a produção de haxixe, cujo comércio é bastante intenso tanto no Norte como no restante do país.

A cidade de Chefchaouen está localizada na parte central da Rif, entre Tetouen, o centro urbano da região e Al Hucema, uma cidade de menor vulto. Ali, as rochas calcárias são entalhadas e rígidas, formando gargantas profundas que lhe conferem um aspecto ríspido e selvagem. Chaouen se encontra exatamente no dorso da montanha, apresentando por isso um relevo muito acidentado, de modo que sua medina tenha se erguido quase que verticalmente. As cores predominantes são o branco e o índigo; as construções são geminadas, seguindo o traçado bastante irregular do relevo; tradicionalmente, as mulheres se cobrem com xales brancos, feitos com tecidos grossos de algodão. A vida é calma, silenciosa e passa sem grandes atropelos, mesmo no interior do *souk* (o mercado).

A influência da cultura hispânica nessa região é flagrante. Não nos esqueçamos de que Ceuta, cravada na borda do Mediterrâneo, é ainda uma possessão da Espanha. As diferenças entre esse Norte montanhoso e o Sul, considerado como o resto do país, é um dado bastante curioso. Além Rif, tudo é “Sul”, são todos filhos do rei e as influências do domínio francês se fazem mais marcantes. Na *Ville Nouvelle* de Chaouen encontramos uma Igreja Católica, algo muito próximo ao que conhecemos como estilo colonial. Fora construída pelos portugueses, tomada pelos espanhóis, mas atualmente funciona

como uma escola profissionalizante. As moças aprendem a costurar, bordar e a fazer trabalhos artesanais.

É possível conversar sobre política sem a mesma admiração cega ao rei, que é traço característico dos habitantes do “Sul”. *Er Rif* é o espaço da subversão, enquanto o “Sul”, como veremos, é o espaço da religiosidade e onde se sustentam os pilares sagrados da tradição muçulmana. As tribos da Rif tiveram um grande líder, Abd-el-Krim, que organizou os movimentos de independência da região contra os invasores espanhóis nos anos de 1920. À época, as forças militares, não vencendo por elas mesmas as tropas lideradas por Abd-el-Krim, contaram com auxílio da França. O exército francês foi liderado pelo marechal Henri Pétain, que saiu vitorioso após dois anos de batalha, rendendo, assim, o grande líder das tribos de *Er Rif*.

Fez

A paisagem urbana que mais impressiona é a de Fez [Faz], a cidade imperial cor de açafrão. Fez nasceu em 809 d.C., como capital do império marroquino. Localizada no Médio Atlas, dificultava o ataque de bárbaros europeus vindos do Norte e, na época das conquistas ibéricas sobre os povos islâmicos, os seus habitantes resistiam bravamente contra as tropas portuguesas e hispânicas. Perdeu por várias vezes seu status como capital ora para Marrakech, ora para Meknès até que, sob o domínio francês, o centro político e religioso do país fosse transferido para Rabat - cidade localizada na costa atlântica.¹⁰

Mas o que vale para os *fassis*, as gentes da cidade, é a tradição. Identidade nacional, valorização da cultura e, o que é mais curioso, o reconhecimento do Estado-Nação - ainda que a legitimidade deste se confunda com a unidade religiosa - são traços marcantes desse povo. Mesmo os fatos mais recentes, diz-se, contemporâneos, mostram que existe entre os *fassis* uma forte valorização da unidade nacional, característica compreensivelmente incomum no restante do país, devido a uma tradicional organização política fragmentada dos diferentes grupos étnicos existentes no país. Em Fez foi assinado, em 30 de março de 1912, o acordo que fazia do Marrocos um protetorado francês, o *Tratado de Fès*, que rendia o sultão Moulay Hafid sob a guarda da França. Pouco mais tarde, nos históricos dias 17 e 18 de abril, a cidade voltou a ser cenário de revoltas da população, que incendiou o *mellah*, saqueou mercados, num motim

que provocou baixas de naturais e estrangeiros. Não demoraria meio século para que Fès cedesse terreno aos grupos nacionalistas e se renovasse a luta pela independência em favor da restauração monárquica. Finalmente, em 2 de março de 1956, é reconhecida pelo governo francês a autonomia do país e a legitimidade do monarca.

Malgrado sua história de guerras e levantes contra os países conquistadores, Fez preservou uma espécie de espiritualidade que a torna aparentemente inatingível pelos problemas terrenos. É como se sofresse a influência das Medersas, onde os jovens estudam o Corão.¹¹ Funciona como uma espécie de universidade, centro de contemplação e entendimento das leis sagradas, nas quais o povo islâmico legitima e amalgama as suas tradições, reconhece as suas raízes e ratifica a sua independência política. Não é por acaso que, entre os anos de 1920 e 1930, buscava-se, nas Medersas, fundamentos para um retorno à pureza das escrituras sagradas. O estudo era uma forma de apego às origens e, acima de tudo, de renascimento dos valores islâmicos, preservando-se a introspeção e, desse modo, uma certa reserva face aos valores imputados pelos imperialistas.¹²

Nesse sentido, Fez se constituiu como uma fortaleza, preservando os pilares que sustentam a tradição de seu povo: a fé, a lei e a monarquia. Se comparada ao Norte, parece sob os olhos do estrangeiro a cidade mais reacionária, cuja população endossa de forma irracional a política do atual monarca, Mohammed VI, aclamado como “o rei dos pobres, aquele que trará prosperidade aos miseráveis”. De certa forma, questionar a monarquia é enfraquecer os pilares que sustentam a unidade do país e a própria tradição islâmica, de modo que a associação sempre perigosa de política e religião se apresente ao povo como uma necessidade, ou algo simplesmente dado, inerente à sua cultura e à sua história.¹³

Todos esses aspectos não fazem de Fez uma cidade menos miserável, não tornam as discrepâncias sociais menos gritantes e tampouco conferem à sua população melhores condições de educação e trabalho. E não tornam as críticas à monarquia desnecessárias. Como nas grandes cidades, a medina é a periferia. Mas seu valor histórico continua a atrair e, ao mesmo tempo, a repelir os turistas. Durante todo o dia, levadas de turistas chegam em seus ônibus modernos, geralmente credenciados nos hotéis *chics* da cidade nova, para gozar de um *pétit séjour* no interior das muralhas. Caminham, olham, antes se perdem em grandes grupos pelas ruelas tumultuadas dos *souks*,

até o fim do dia. Anoitece e a cidade já não conta senão com alguns poucos remanescentes que se instalaram nos hotéis locais - que são os mais baratos - pois a maioria ganha a *Ville Nouvelle*, seguindo o conselho dos guias oficiais. É interessante como o discurso se repete desde longa data. Caíram-me às mãos alguns dos muitos livros que devem ter sido publicados na década de 1940 - talvez os anteriores não sejam diferentes - nos quais as recomendações são sempre as mesmas: “escolham os hotéis localizados na *Ville Nouvelle*, são mais seguros”. Há, ainda, as descrições que apelam para o efeito pitoresco da miséria, para o exotismo dos moradores desses “guetos” ou, ainda, para o perigo dos povos bérberes. Boas ou más, o fato é que são todas essas lendas que continuam a atrair os turistas e a sustentar a economia local. Ou melhor, a economia do país.

* * *

Ao olhar a medina, *Fez el-Bali* (Velha Fès), de um dos muitos terraços que se espalham pelos seus morros, perde-se de vista a sua extensão. Nessa grande cidade, a história dos movimentos populacionais pelas quais passou o país, desde a sua ocupação pelos povos árabes, evidencia-se nos seus contrastes arquitetônicos. Na medina, os traços medievais se mantêm com suas ladeiras estreitas e sinuosas. Em *Fès el-Jdid* (Nova Fès), uma nova medina ao lado da primeira, encontram-se lado a lado uma *kasbah* (castelo ou quartelão fortificado) e o *mellah* (uma juderia). Há ainda o quartelão andaluz, no centro da antiga cidade, onde, no século XV, os mouros vindos de Andaluzia ergueram uma suntuosa mesquita. Além dos limites da muralha, uma *Ville Nouvelle* se abre, suntuosa, com uma grande praça onde se situa o palácio *Dar Beïda*, hospedagem real ainda nos tempos atuais. Há também belos *boulevares*, praças, restaurantes, cafés, hotéis de luxo, tudo ao gosto europeu e seguindo os mesmos padrões urbanísticos franceses, a exemplo do que foi feito de Paris à época de Haussmann. Esta área começou a ser edificada a partir de 1919.

Dos portais (*babs*) de *Fez el-Bali*, destacam-se a *Bab Bou Jeloud*, a *Bab el-Mahrouk* e a *Bab Guissa*. Santuários e mercados dão-lhe vida. Nas ruas próximas à tumba de *Moulay Idriss* e da *Mesquita Karouïne*, pequenas portas se abrem para uma profusão de mercadorias em seda, cerâmica, couro, onde o cheiro almiscarado dos perfumistas se mistura ao odor acre de variadas especiarias. Elas estão dispostas em grandes sacos para serem vendidas a

granel. O mercado alimentício é igualmente farto. Sendo o pão a base da alimentação árabe, encontramos na praça comercial muitas variedades do produto, todos vendidos frescos e quentes. Não raro são produzidos pela família dos próprios comerciantes, no andar superior das vendas, ou no interior de suas residências. Vende-se, por exemplo, um tipo de pão bérbere que mais se parece com um grande crepe, feito em folhas, no qual passa-se um pouco de manteiga e muito mel. Os doces não apresentam grande variedade. Feitos igualmente com trigo, parecem uma massa compacta irrigada com mel e às vezes polvilhada com gergelim.

Nesses mesmos *souks*, o viajante desavisado pode ainda entrar em uma das muitas tapeçarias espalhadas na velha cidade. Os mercadores são de origem bérbere e comerciam não apenas no limite da cidade, mas também exportam o seu produto. Têm à sua disposição uma infinidade de tapetes, dos tipos e preços mais variados, que expõem em uma espécie de *atelier*, onde existe, invariavelmente, um artesão exibindo o seu engenho e arte. Ironia à parte, pois de fato se tratam de comerciantes ardilosos na arte da persuasão, eles fazem parte de uma antiga tradição bérbere de tapeceiros. Na verdade, o trabalho ficava ao encargo das mulheres, que teciam os tapetes aos seus prometidos para lhes presentear no dia do casamento. Como um dote feminino, esses tapetes traziam nos seus motivos histórias contadas por suas criadoras, de modo que cada peça tenha seu próprio enredo representado nos “desenhos”, pois a língua bérbere se sustenta através da tradição oral.

O comércio figura como a principal atividade econômica da cidade. E, ao seu lado, desenvolveram-se igualmente ou tros serviços ligados ao turismo, que compreende o ramo hoteleiro, os meios de transportes, a formação de guias oficiais etc. Mas não podemos nos esquecer que atrás de todo comércio realizado nos *souks* existe uma grande indústria artesanal, tanto no seio das cidades, como ao Sul do país, nos oásis, onde se mantém o tradicional artesanato de couro e metal. Tomemos, por hora, apenas a produção feita nas medinas. Como nas cidades europeias da Idade Média, os artesãos de um mesmo tipo de *métier* são agrupados em corporações. Suas lojas se dispõem ao longo de um mesmo quarteirão. Por exemplo, há o mercado de pequenos *souvenirs* feitos em barro e pintados com motivos árabes, como cinzeiros, porta-jóias, jarros, pratos etc. Ou ainda as ruas onde estão à venda toda a sorte de artigos em couro tingido,¹⁴ desde roupas e acessórios, até chicotes, *pufs* e assim por

diante. Tive a oportunidade de visitar uma loja de *souvenirs*, onde os produtos eram feitos em madeira. Havia uma grande variedade de brinquedos e *bibelots*, alguns móveis de pequeno porte, como gaveteiros e criados-mudo, que eram produzidos numa espécie de salão atrás da loja. O espaço não era muito grande, tampouco o número de funcionários. Na verdade, pareciam ser membros de uma mesma família de *fassis*.

A vida árida do Sul

De Marrakech seguimos para Ouarzazate, atravessando uma estrada que corta o Alto-Atlas. A viagem não dura mais do que três horas. Mas é sofrida. O ônibus faz um verdadeiro *zig-zag* subindo a uma altitude de quase 2.000 m. Não há um só passageiro, com o devido respeito às sempre gloriosas e raras exceções, que não sinta os efeitos biológicos que tão árduo trajeto impõe aos nossos corpos. Não fossem as penas, aproveitaríamos melhor a paisagem que nos cerca. Que é belíssima!

Em Ouarzazate e Tinerhir, as principais atrações são o Vale do Drâa ou o Todra e as Gorges (do francês, Gargantas). Como o próprio nome indica, tratam-se de montanhas arredondadas, formadas por rochas calcárias, que se fecham como uma garganta e em cujo vale atravessa um estreito fio d'água. No Vale do Drâa encontramos os primeiros Oásis [Aziz], caracterizados pela profusão de tamareiras que se estendem ao redor dos lençóis d'água, onde as mulheres se juntam para lavar suas roupas. E, também, onde se constroem pequenos canais de irrigação para o cultivo de alimentos.

Ouarzazate¹⁵ é a única grande cidade localizada no vale do Drâa. “Grande” pelas qualidades ou defeitos que a diferenciam dos demais vilarejos que se sucedem no curso da rodovia que nos leva até Rissani, quase no extremo sudeste do país. Porta do Sahara. Mas voltemos a essa cidade. Fundada pelos franceses, em 1928, trata-se de uma cidade bastante curiosa: suas ruas e avenidas são bem planejadas; os prédios recentes, na grande maioria erguidos com tijolos; e, além disso, ela funciona como uma espécie de *pit stop* aos viajantes que partem de Marrakech - ou de algum ponto localizado na porção oriental do Médio Atlas - para o deserto. Por sua localização estratégica, parece ter se tratado de um importante centro comercial das tribos do Sul e, posteriormente, aproveitada pelos franceses como base de proteção militar. Com efeito, na época da ocupação francesa, o território ficava sob a

jurisdição dos “Oficiais de Negócios Indígenas” e o turismo, se não era totalmente proibido, dependia da aprovação das autoridades locais. Era considerada zona de segurança e o foi mesmo após a independência, pois muitas tribos bérberes se revoltaram contra a dinastia reinante.¹⁶

O principal atrativo é uma *kasbah* (fortaleza) construída no século XVII, hoje abandonada. Funciona como museu, o que nos permite ter uma ideia do modo de vida dos sultões do deserto, que viviam em grandes famílias nos muitos cômodos distribuídos pelos três ou quatro andares dessa fortaleza. Alguns cômodos são amplos, bem arejados, um ou outro decorados com belos azulejos e rótulas ricamente ornamentadas nas janelas. Eram as salas de reunião, local de festas e de jantares entre os familiares. Os demais espaços são bastante estreitos, alguns com o pé direito muito baixo, mas todos com pelo menos um respiradouro, o que os torna sempre muito bem arejados e iluminados. As paredes são feitas em argila que, no entender dos seus habitantes, trata-se de uma mistura de areia e esterco. No conjunto, o edifício lembra a disposição de vários cubos em diferentes níveis. Os tetos são quadrados, e são feitos trançando-se os galhos secos das tamareiras (uma espécie de bambu).

A viagem segue tranquila, sendo mesmo possível dar uma parada em alguns vilarejos para conhecer os moradores da região. Ali é mais raro encontrar quem fale francês ou inglês. Para minha surpresa, conheci famílias na qual grande parte dos membros desconheciam o árabe, tal é o domínio do dialeto da região (o bérbere do Sul). Foi o caso de Tinerhir, onde pernoitamos. Ali visitamos a *ksar*, ou *ksour*, no plural, ou conjunto de casas. Sob o ponto de vista construtivo, a técnica é a mesma empregada para as *kasbahs*. O que diferencia uma da outra é o aspecto sócio-econômico. Enquanto uma se voltava para as grandes famílias ligadas ao sultanato - atualmente às famílias de maiores posses, de comerciantes - a outra é caracteristicamente popular.

Nos *ksour* as moradias são praticamente empilhadas e encerradas em corredores escuros e malcheirosos. As portas são sempre muito baixas, os cômodos estreitos, embora as famílias sejam numerosas. Passando pelos corredores da *ksar*, vemos sempre muitas crianças que saem inesperadamente de um só pequeno cômodo escondido no interior deste imenso dédalo que, juntas, formam as construções. As crianças têm um aspecto saudável, são muito pobres e geralmente largam os estudos entre os 8 e 9 anos para trabalhar.

Além do dialeto de sua origem, aprendem o árabe, pois o Estado obriga as crianças a frequentarem, uma vez completados cinco anos, uma escola onde são ensinadas as lei do Corão. Mas, como dissemos, não são tão raras as pessoas, sobretudo mulheres, que só conhecem o seu dialeto.

A partir de Ouarzazate - e o caso aplica para todos os lugares que visitamos no Sul - as mulheres caminham pelas ruas quase que completamente cobertas. Ao contrário do que foi observado no Norte, onde, conforme afirmamos anteriormente, as mulheres se cobriam usualmente com xales brancos ou azuis feitos com tecidos grossos, no Sul elas se vestem com longos xales negros, envolvendo todo o corpo. Curiosamente, muitas cobrem praticamente todo o rosto, de modo que a visão é permitida apenas com um olho. Andam rápido, vão aos *souks*, cumprem suas obrigações e retornam aos seus lares. O local de sociabilidade das mulheres marroquinas é o *hammam*.¹⁷ E isso vale para todas as regiões que conhecemos.. É um momento de repouso e descontração, possível durante a noite, quando elas já concluíram seus afazeres domésticos. Foi apenas nessas ocasiões que tivemos oportunidade de conversar com as mulheres marroquinas e conhecer um pouco de suas vidas.

Após um dia de viagem, chegamos em Rissani, a terra da família real, localizada no Vale do Ziz. Foi nossa última paragem antes do Sahara, que está a mais ou menos 20 km de distância. Três dias mais tarde já retornávamos a Fès. Em seguida para Tânger. Ganhamos o mar e caímos na Europa. Outra história, bem diferente, recomeçava...

Notas

- * Dedico este artigo às minhas amigas, Ana Elisa Viviani e Suzana Schimidt, companheiras de viagem
- 1. Fernand Braudel. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* [Paris: Armand Colin, 1949].
- 2. Encontrei também a notação "Al Mamlakah al Maghribiyah", mas eu a desconheço.
- 3. A área que compreende o Sahara Ocidental, formalmente conhecido como Sahara Espanhol, passou a ser ocupado pelo Marrocos a partir de 1979. Porém, até o início da década de 1990, era área de conflito, pois a Espanha não abriu mão do território que, malgrado a aridez do solo que inviabiliza a agricultura, é rico em fosfato.
- 4. A população nativa é de origem bérbere, que compreende ainda ¾ do total de habitantes marroquinos. O grupo árabe aparece em segundo lugar,

constituindo o grosso de habitantes das grandes cidades. Depois vêm os de origem ocidental, sendo a maioria francesa, em razão do longo período de domínio político.

5. Marcelo Rezende, “Raios de Sol em Tânger”, *Gazeta Mercantil*, p. 2.
6. Os dados referentes ao ano de 1996-7, tirados do *Almanaque Abril*, situam a taxa de desemprego em torno de 37,1%. Segundo as mesmas fontes, 45% trabalham no setor primário; 25% no secundário, incluindo-se aí a indústria artesanal; e 31% no setor terciário. Os trabalhadores organizados politicamente giram em torno de 20% do total, sendo os principais grupos a Union Marocaine du Travail e a Unin Générale des Travailleurs. As informações foram confrontadas com as de Marcelo Rezende, no artigo citado no texto, mas não houve nenhum tipo de comprovação para os dois casos.
7. Muitas destas informações foram tiradas dos artigos de Marcelo Rezende, publicados no jornal *Gazeta Mercantil*, cf. bibliografia.
8. cf. *Almanaque Abril*, 1998. As informações pessoais foram comprovadas com os dados tirados da fonte citada.
9. Foi ocupada pelos espanhóis em 1859-60.
10. A criação da nova capital pelos invasores franceses se explica, em grande medida, por motivos estratégicos. Fez está localizada numa grande depressão, entre duas cadeias montanhosas, o que dificulta a sua defesa contra as tribos da região, cujo conhecimento da geografia local era incomparavelmente superior ao dos povos imperialistas. Ao contrário, Rabat, a nova capital, localiza-se na costa atlântica, o que facilita imensamente a defesa dos franceses contra as gentes da terra. Havia também uma razão simbólica para a construção de uma nova sede para o país. O mesmo ocorrera na Índia, quando a cidade imperial desse povo foi substituída por Nova Délhi, demarcando simbolicamente o domínio inglês no local. cf. Eric Hobsbawm, *A Era dos Impérios*, p. 33.
11. O centro destes estudos clássicos é Fès, onde se situa a Universidade Al Qarawiyin, fundada em 859 d.C.
12. “Ao adaptarem-se aos franceses, diz Jacques Berque, ‘a população muçulmana conserva círculos absolutamente invioláveis. Volta-se para o seu próprio interior. É esse o aspecto interno dessas sociedades que assim sobe à tona. O lado religioso, por exemplo. É quase certo que a fé islâmica ou, mais exatamente, a devoção islâmica, tornou-se muito mais ativa, após o advento dos europeus do que era antes; está mais viva após trinta anos de protetorado, que após dez” [Wolf, 1984:276].
13. O monarca desempenha as funções de chefe espiritual e político do país.
14. As tinturarias, por sinal, estão localizadas na cidade. Muitos acreditam que é esta atividade que lhe confere um odor acre, às vezes desagradável, mas é difícil falar, pois a medina é muito grande e não conheci este local de trabalho.
15. Segundo uma jovem moradora, o nome se justifica por haver muitas cegonhas na região.
16. Devido aos limites do presente texto, não entraremos na questão política dos povos bérberes e o Marrocos independente. Há um artigo muito interessante,

escrito por Marcos Margulies para a *Revista Geográfica Universal* e que vale como uma introdução ao tema. Nele o autor conta a trajetória das tribos bérberes (ele escreve berberes) no Norte da África e expõe o problema da intervenção francesa e restauração monárquica.

17. Os *hammams* são uma espécie de sauna servida com fontes de água quente, onde mulheres e homens, em ambientes distintos ou em horários distintos, tomam seus banhos. A construção dos hammams não sofre variações de um local para outro: há várias salas, cuja temperatura varia conforme a distância de uma para a outra em relação à fonte de água; os pés-direitos são bem altos, as paredes azulejadas e o chão forrado com cerâmica. Ali as mulheres se reúnem e discutem horas a fio com suas amigas.

Bibliografia

GORDON, F.L.; TALBOT, D.; SIMONIS, D. *Morocco - guidebooks*. Lonely Planet, 1998. 536 p.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1988. 546 p.

JOLY, F.; AYACHE, A.; FARDEL, J.; SUECH, L. *Géographie du Maroc*. Paris: Delagrave, 1949. 168 p.

MARGULIES, Marcos. "Um povo em busca de seu destino". *Revista Geográfica Universal*, no. 19, abril de 1976. pp. 1-21.

OGRIZEK, Doré. *L'Afrique du Nord*. Paris: ODÉ, 1952. 459 p.

REZENDE, Marcelo. "Marrocos de Matisse - viagens do pintor ao país é tema de exposição na capital francesa". *Gazeta Mercantil - Leitura de Fim de Semana*, 19 de novembro de 1999. p. 14.

REZENDE, Marcelo. "Raios de Sol em Tânger - o escritor Mohamed Choukri fala sobre a abertura do Marrocos". *Gazeta Mercantil - Leitura de Fim de Semana*, 7 de janeiro de 2000. p.2.

RIBEIRO, Ronaldo. "Marrocos, a pátria do Sol". *Terra*, Ano 4, no. 10, outubro de 1995. pp. 34-53.

WOLF, Eric R. "Argélia". In: *Guerras camponesas do século XX*. São Paulo: Global, 1984. pp. 259-300.